

Ajuda o trabalho de socorro aqui mesmo, com esforço da limpeza interna.

Esquece os males que te apoquentam, desculpa as ofensas de criaturas que te não compreendem, foge ao desânimo destrutivo e enche-te de simpatia e entendimento para com todos os que te cercam.

O mal é sempre a ignorância e a ignorância reclama perdão e auxílio para que se desfaça, em favor da nossa própria tranqüilidade.

Se pretendes, pois, guardar as vantagens do passe que, em substância, é ato sublime de fraternidade cristã, purifica o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro.

Ninguém deita alimento indispensável em vaso impuro.

Não abuses, sobretudo, daqueles que te auxiliam. Não tomes o lugar do verdadeiro necessitado, tão só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos.

O passe exprime também gastos de forças e não devês provocar o dispêndio de energias do Alto, com infantilidades e ninharias.

Se necessitas de semelhante intervenção, recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes celestes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração na confiança positiva e, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos, porque, de conformidade com as letras sagradas. "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças".



FRATERNIDADE

"*Amemo-nos uns aos outros...*" — João.

(I João, 4:7).

Nem um só monumento do passado revela o espírito de fraternidade nas grandes civilizações que precederam o Cristianismo.

Os restos do Templo de Carnaque, em Tebas, se referem à vaidade transitória.

Os resíduos do Circo Máximo, em Roma, falam de mentirosa dominação.

As ruínas da Acrópole, em Atenas, se reportam ao elogio da inteligência sem amor.

Santuários e castelos, arcos de triunfo e muralhas preciosas, hoje relegados à miséria e ao abandono, atestam a passagem da discórdia, da prepotência e da fantasia...

Antes do Cristo, não vemos sinais de instituições humanitárias de qualquer natureza, porque, antes d'Ele, o órfão era pasto à escravidão,



as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comiseração.

Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modifica.

O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os enfermos ao lixo, de decepar as mãos dos prisioneiros, de vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos trabalhos de rotina doméstica, de martirizar anciãos e zombar dos humildes e dos tristes.

Um novo mundo começa...

Ao influxo do Divino Mestre, o homem passa a enxergar os outros homens.

O lar, a maternidade, o berçário, a escola, o hospital, o asilo, são recintos sagrados e um novo gênio de luz ergue-se muito acima daqueles que se faziam respeitar pela espada, pelo sangue, pela sagacidade e pela força, para governar as almas na Terra.

Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos, o gênio da Fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silêncio, na divina construção do Reino do Senhor.



SERVICO

“... Trabalhando para não sermos pesados a nenhum de vós.” — Paulo.

(Tessalonicenses, 3:8.)

Antes de Jesus, o serviço, sem dúvida, constituía abjeção ou miserabilidade.

Exetuadas as lides da guerra e as preocupações da governança que representavam o trabalho honroso da habilidade e da inteligência, qualquer gênero de atividade era considerado esforço inferior que deveria ser relegado aos homens cativos.

O serviço-punição estava em toda parte.

Escravos nas letras.

Escravos no ensino.

Escravos na rotina doméstica.

Escravos nos espetáculos.

Escravos no mar.

Escravos no solo.

Onde estivesse alguém ajudando ao próximo, no uso respeitável dos braços, aí se achava um cora-

